



RELATO DE EXPERIÊNCIA: UMA CONFLUÊNCIA ENTRE MICROCOSMOS DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE CIÊNCIAS PARA 6º E 7º ANOS.

**Ivens Balduino dos Santos Carneiro¹, Valéria Cristina da Silva Lima²,
Maria Elane de Carvalho Guerra³**

Resumo: Este relato explora as experiências de estágio supervisionado em uma instituição de ensino privado, que me trouxeram à memória o passado de estudante no mesmo lugar, onde pude atuar com turmas de sexto e sétimo ano do ensino fundamental. Ele desafiou minhas expectativas em relação à vocação profissional. Este trabalho resalta a importância do estágio supervisionado como uma oportunidade para explorar a vocação profissional e desenvolver habilidades de ensino. De modo que o desenvolvimento do trabalho esteve envolto na discussão de 3 microcosmos que forneceram uma visão nítida das impressões que o primeiro estágio pôde produzir, sendo eles o que dizem respeito à turma, à supervisão e ao próprio estagiário, que assume os próprios méritos e deméritos nos relatos que narram elementos pontuais no contexto de projeto didático e regência em sala de aula, além das reflexões oriundas da subjetividade que exerceram influência sobre planejamento e execução das atividades. As experiências vivenciadas no estágio proporcionaram reflexões valiosas sobre a futura carreira docente, ajudando o estagiário a compreender melhor sua identidade como professor e as demandas da profissão, muito embora mantivesse sempre levantado o questionamento vocacional a cada etapa do percurso.

Palavras-chave: Primeiro estágio; Vivência profissional; Ensino de ciências.

1. INTRODUÇÃO

Nos escopos de um curso de licenciatura, vislumbra-se nos estágios supervisionados obrigatórios a perspectiva sobre o futuro processo de atuação profissional. Dentro dessa visão estão carregados contribuições, anseios e amplitude que o estágio supervisionado agrega (PEREIRA, 2018); e tal qual o autor sempre experimentei uma inquietação a respeito de como se dava o estágio, e sobre como lidaria com ele. Por ocasião deste sentimento, dão-se as reflexões acerca de uma visão

¹ Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde/Curso de Ciências Biológicas, e-mail: iven.carneiro@aluno.uece.br

² Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Profissional em Ensino de Biologia/ProfBio, e-mail: valerialimanovetres@gmail.com

³ Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde/Curso de Ciências Biológicas, e-mail: elane.guerra@uece.br



vocacional, internalizada pela possibilidade de (re)conhecer o que de fato quero em minha vida, que até aqui não vislumbram a docência como uma preferência, embora assuma a responsabilidade de buscar excelência na execução dos Estágios Supervisionados. A esta altura de uma licenciatura, acato o espírito piafiano em dizer “*Non, je ne regrette rien*”.

Como apresentado por Arruda e Baccon (2007), o estágio supervisionado suscita uma veemente reflexão acerca da futura profissão, da identidade como professor e da satisfação ou não com a profissão, que por sua vez, “parece mobilizar, entretanto, mais do que a racionalidade, as forças mais íntimas do sujeito, que estariam por trás das decisões e escolhas dos futuros professores”. Deste modo, assim me digladiando por entre essas forças íntimas, imbuídas pela minha própria subjetividade, experienciei o primeiro estágio supervisionado questionando se desejo tal “vivência profissional futura em contextos e instituições como essas” (Idem).

Realizei meu trabalho de estágio supervisionado na sede de uma instituição de ensino privada, localizada no centro do município de Aquiraz, Ceará. Fundada em março de 1976, desde então tem sido uma referência em educação na cidade, com resultados notáveis em olimpíadas e vestibulares. A escola contempla 700 estudantes, que se distribuem em 11 salas para ensino fundamental e médio e 6 para educação infantil, sendo 10 turmas de educação infantil, 10 turmas de ensino fundamental 1, 8 de ensino fundamental 2 e 3 turmas de ensino médio. As salas de aula do ensino fundamental e médio contavam com carteiras individuais, climatização do ambiente com ar condicionado, quadro branco e em algumas salas *data show*, embora os professores também pudessem agendar o uso dessa ferramenta e de caixas de som para as demais salas que não contavam com tal recurso.

Sendo, além de tudo, uma área bem localizada e de fácil acesso, com locais adequados para estacionar. Todavia, vale pontuar que embora a escola conte com rampa de acesso na entrada, muitas salas de aula estão alocadas no segundo andar, tendo apenas escadas como meios de chegar até elas, dificultando a acessibilidade para pessoas com deficiência. O colégio também dispõe de uma área de lazer arborizada, com bancos e banheiros, cantina, quadra poliesportiva, piscina, biblioteca e laboratório de ciências. Além do ensino tradicional, a escola aborda uma formação bilíngue e contempla as turmas com recursos para o desenvolvimento socioemocional. Com tudo isso, dentro da proposta pedagógica da escola está a consideração do protagonismo do aluno sobre sua própria história.

Assim, desenvolvi meu papel de estagiário tomando como alvo duas turmas de sexto e duas turmas de sétimo ano do ensino fundamental. Destacando-se que o sistema utilizado pela escola é organizado em apostilas produzidas por uma instituição que norteia seu material educacional, de modo que o livro didático que a professora supervisora utilizava nas aulas e me forneceu para a realização de planejamentos para o



sexto ano foi Bouissou (2020)⁴ e para o sétimo foi Souza (2020)⁵. Os livros tiveram papel essencial devido à presença de orientações didáticas, tópicos de aprendizagem essenciais sobre cada assunto, localização das temáticas de cada capítulo dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sugestão de materiais que complementam as estratégias didáticas oferecidas ao professor em sala de aula.

Para aprofundar a compreensão sobre a relação sala de aula/questionamentos vocacionais buscamos entender, a partir das informações aqui relatadas, de modo sistematizado, as observações e percepções extraídas das experiências de estágio supervisionado, levando em consideração minhas peculiaridades metodológicas na posição de estagiário, refletindo sobre a abordagem interdisciplinar de alguns tópicos e minhas práticas pedagógicas, descrevendo o processo de realização das aulas e os conteúdos trabalhados em sala, organizados entre observações, regências de aulas e projeto didático.

Com isso, os objetivos deste trabalho consistiram em tentar traduzir o *background* subjetivo do sujeito estagiário na disciplina de ESEF1 em conexão com a prática docente; apontando, analisando e refletindo acerca de experiências advindas de aulas de ciências para turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental.

2. DESENVOLVIMENTO

Entre todas as minhas dificuldades, dúvidas e auto-questionamentos está o grande desafio para a execução da prática docente no estágio. Assim, convém refletir que tais sentimentos me acompanham desde o início da graduação, aflorando em questionamentos mais vigorosos segundo o avanço nas atividades de estágio. Não há insegurança quanto a minha própria capacidade ou temor direcionado a alguma particularidade entre as turmas, porém o desconforto se dá em pensar na falta de aptidão ou identificação com a vocação de professor; reverberando, por vezes, em momentos de crise ante aos planejamentos.

Ademais, não tendo regressado nesta minha empreitada, é necessário indicar quais elementos solidificaram a convicção presente em meu senso de dever, a ser cumprido, ao longo de minha experiência. Destacam-se, portanto: a postura participativa das turmas, que dialogam com meu posicionamento questionador e instigante; os laços oriundos da relação com a instituição de ensino, na qual fui aluno e formei a minha identidade de, outrora, estudante da educação básica, identidade esta que possibilitou um facilitamento no acesso às pessoas e à ambientação, tão necessária ao estagiário; e, também, deve-se muito à pessoa da supervisora, cuja noção empática permeia uma compreensão racional do papel do estagiário e que se justifica muito mais

⁴ BOUISSOU, M. Livro do Professor: Ciências 6º ano/Juliano Viñas Bautista de Oliveira Salles / Marta Bouissou / Raquel Malta. 2. Ed. Revista e atualizada para 2023 (Coleção Asas). – Fortaleza: COMPANHIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SISTEMAS DE ENSINO S.A, 2020.

⁵ SOUZA, M. P. C. de. Livro do Professor: Ciências: 7º ano / Maria Paula Correia de Souza. – 2. Ed. Revista e atualizada para 2023 (Coleção Asas). – Fortaleza: COMPANHIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SISTEMAS DE ENSINO S.A, 2020.



quando há entre nós uma proximidade de elos, sendo ex-alunos da mesma escola e sendo, ela, uma professora formada no mesmo curso e na mesma universidade na qual vivencio a licenciatura em ciências biológicas.

Descreve-se assim, em práxis, o que De Lima e Dos Santos (2023) apontaram como sendo o trânsito entre dois ambientes educacionais (universidade e escola), cujos contatos são alargados por uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens tecida pelos agentes envolvidos no estágio, percebendo sua compreensão como indispensável à formação docente.

Enquanto cumpria a disposição de observador das regências da professora supervisora, pude refletir acerca de dois microcosmos, que se unem holisticamente: a turma, com todos os fatores constituintes de sua subjetividade intrínseca, e a professora em sua esfera docente; e enquanto estagiário, planejando aulas e aplicando o projeto didático, um terceiro: o microcosmo da pessoa estagiário, com suas virtudes e vicissitudes particulares.

Antes de destacar, pormenorizadamente, percepções sobre o primeiro elemento, destaca-se algo que me levou a uma constatação prática: o diagnóstico dos professores - além da supervisora - quando nos momentos na sala dos professores indicavam a natureza virtuosa de algumas turmas, em especial de algumas com as quais lidei, tendo em vista a postura colaborativa e disciplinada dos alunos na maior parte do tempo. E assim, levando em consideração as naturais interações sociais entre alunos, as turmas se mostraram exemplares, não demandando muitos esforços ou muito tempo para intervenções por causa de dispersão ou comportamentos que fugissem à ordem.

Segundo dados do PISA (*Programme for International Student Assessment*) em 2018, o maior estudo sobre educação do mundo, que avaliou o desempenho dos alunos de escolas públicas e privadas a partir do 7º ano, no Brasil, aproximadamente 41% dos estudantes avaliados reportaram que na maioria das aulas, os professores demandam longo tempo de aula para manter a disciplina na classe. Dentre os países membros da OCDE, esse valor é de 26% (Ministério da Educação, 2019).

Diante de relatos de docentes tanto de escolas públicas estaduais e municipais, e que também lecionam em escolas particulares (colhidos durante o estágio, nos momentos na sala dos professores), há a mesma impressão do que é indicado pelo PISA. Todavia, o que se viu durante minhas observações das aulas de ciências para 6º e 7º ano do fundamental, apontam numa direção diferente do contexto nacional geral/médio.

O microcosmo da turma

Excepcionalmente a turma do 6º A, cujas aulas eram ministradas pela manhã, ali se contabilizava um quantitativo próximo a duas dezenas de estudantes que atuavam com uma postura de extrema participação, atenta e com méritos de excelência nos trabalhos desenvolvidos nos projetos da escola. Outra realidade educacional se percebeu na turma do 7º A, cujas aulas também eram pela manhã, porém, com cerca do dobro de alunos, por conseguinte, havia um índice de barulho e dispersão superior quando



comparada a outra; durante as aulas, porém, a taxa de dispersão tendia a cair progressivamente em conformidade com a apresentação de conteúdo e discussões propostas pela professora. Assim, essa turma se tornava, de modo semelhante, participativa e atenta. As outras duas turmas (6º e 7º B) tinham aulas pela tarde, eram turmas menores, com cerca de 20 alunos, sendo, de maneira relativa, fáceis de se lidar, embora não tão participativas quanto as primeiras - algo informado previamente pela supervisora e constatado nas observações posteriores -, mas quase tão atenciosas e com indivíduos tão talentosos quanto.

Enquanto se dava a aplicação das regências do estágio o padrão de comportamento e participatividade se manteve, porém com a distinção de que num primeiro momento, de modo geral, as turmas se mantiveram inibidas com a presença da personalidade nova exercendo o papel de professor na classe. Todavia, ao decorrer da aula, os alunos se habituaram e retomaram ao seu comportamento outrora observado, participando, contribuindo e sem grandes necessidades de intervenções disciplinares.

Viu-se também, por vezes, a desenvoltura individual de alguns estudantes nas turmas, contando com alunos com alto potencial reflexivo, interligando os conhecimentos trabalhados em sala de aula a problemáticas sociais e científicas, e também com alto potencial investigativo, indicando conhecimento prático, teórico e interdisciplinar de ciências aplicadas ao cotidiano, em suas atividades rotineiras e de entretenimento.

Porém, convém destacar a singularidade de cada turma diante da experiência com a aplicação do projeto didático, que de modo geral estiveram mais agitadas diante da abordagem para “uma aula diferente”. Mas, os comentários da supervisora se fizeram mais nítidos durante esta ocorrência, pois embora agitados os alunos da turma da manhã se mostraram mais participativos, enquanto os alunos das turmas da tarde adotaram uma postura mais dispersa, sob poucas exceções.

O microcosmo da professora/supervisora

Já no diapasão da figura da professora - cuja formação também é licenciatura em ciências biológicas - notadamente se demonstrou domínio dos conteúdos, capacidade em administrar os recursos didáticos para a turma, autoridade para intervir em ocasiões de dispersão ou conflito e tomava a afeição dos alunos com abordagens que lhes despertavam o interesse pelos conteúdos de ciências. Viu-se, portanto, o uso de metodologias expositivas dialogadas (que propiciam a sondagem dos conhecimentos prévios dos discentes (LIMA *et al.* 2018)), realização de experimentos práticos em laboratório, leitura e escrita do conteúdo, resolução de questões na apostila e a partir do quadro, recursos audiovisuais com projeção de slides e vídeos. Durante a aula eram abertos momentos para a retirada de dúvidas e os alunos traziam suas contribuições espontaneamente em conformidade com a apresentação dos assuntos, relatando realidades do seu cotidiano, fazendo inferências interdisciplinares, agregando relatos de experiências, filmes e séries com pautas do que era demonstrado na aula.



Dessa maneira, a docente orientava o espírito participativo da turma na direção de uma compreensão sólida do que estava sendo apresentado no livro. E com isso, fazia o uso de correções, quando necessário às proposições ou afirmações dos alunos, acréscimos ou encerramento da reflexão, pensando em não se distanciar da proposta temática das aulas.

Ademais, o professor em Santos & Mota (2021), utilizou de analogias relacionadas às realidades vividas pelos estudantes, pois é consenso e, de acordo com Silva & Souza (2018) apud Santos & Mota (2021), os alunos sempre irão fazer o válido questionamento, “isso vai servir pra quê?”. Noutras palavras, o ensino de ciências também deve dar sentido à participação e presença dos alunos na escola, pois isso os leva a inferir sobre o papel social da educação.

Não obstante a esse prisma, as aulas e o material preparado pela professora visavam nortear os alunos rumo ao êxito nas avaliações, que, mais por padronização da instituição e do sistema educacional do que da docente, se estruturam por uma ordem mais tradicional, levando em consideração provas (parciais e globais), simulados e notas de atividades e afins.

O microcosmo do estagiário

Compreendendo os demais elementos que estruturam a experiência do estágio supervisionado, pondera-se agora a respeito daquele a quem esta disciplina (ainda que as circunstâncias que envolvem ESEF1 a tornem algo que vai além disso) toca mais pessoal e profundamente, o estagiário.

Assim como indicado por Silva (2019), escrever sobre si não é uma tarefa simples, pois demanda capacidade de autocrítica, enxergando as próprias fraquezas e pensar em possibilidades de sucesso futuras. E quantas destas fraquezas não poderia eu enumerar, descrever e apontar neste relato? Inúmeras, sem dúvidas. Porém, quando se é dado à prática e ao planejamento, domina-se a arte de reconhecer e superar muitas dessas e tornar as novas experiências, ainda que cansativas e complexas, em demasiado virtuosas.

E ao falar destas virtudes e vicissitudes convém trazer à tona parte dos elementos que me levaram à construção desse universo subjetivo e conflitante no que tange aos estágios na educação. Com isto, quero dizer que durante o estágio foi que tive minha primeira experiência com a sala de aula, percebendo pessoalmente as demandas da figura do professor, todavia, não representou a minha primeira experiência educacional com adolescentes daquela faixa etária. Em outros momentos, circunstâncias e contextos diferentes já pude trabalhar elementos de educação ambiental, científica, campestre e até mesmo religiosa, elementos que de maneira alguma são alheios ao “macro” de minha cosmovisão, e que inclusive me auxiliaram na proposição de um projeto didático conveniente.

Quero destacar assim que, meu contato com as mentes e personalidades de adolescentes precedem aos estágios e, com isto, surgiram a construção de faculdades muito proveitosas às práticas de ensino e de percepção das demandas pessoais próprias



dos juvenis e adolescentes, porém, com elas surgiram também as ponderações que me trouxeram à percepção de que a minha aspiração vocacional não se dá no contexto da docência e/ou com tal tipo de vivência profissional.

E essa negativa me legou, até certo ponto, medo e preocupação diante da iminente necessidade de aplicação de regências, que intrinsecamente confrontavam minhas expectativas de realização profissional. Tendo sido esse sentimento que mais me pesou de modo crítico no fator psicológico, antes e durante o “pré-sala de aula” na construção dos planejamentos de regências.

E embora instabilizante, esse sentimento me trouxe um espírito de cautela que reverberou no êxito prático. Com isso, confrontado pelo temor, fui à frente, evitando ser deixado para trás pelo medo, afirmei minha capacidade e a otimização desta pelos recursos que valiosamente me foram oferecidos durante a graduação e pelas orientações de estágio, até que, assim como Júlio César, pudesse afirmar *Veni, vidi, vici* ("Vim, vi e venci").

Portanto, posso indicar elementos que enriqueceram e contribuíram para tornar este estágio supervisionado exitoso. O primeiro, dentre eles, se deu através da gentileza da supervisora em preparar suas turmas para as regências do estagiário, orientando o espírito cortês dos seus alunos e concedendo a mim a confiança para reger em algumas ocasiões essas turmas. Pois para o supervisor reside a expectativa de entregar as turmas acostumadas a uma “cadência” e recebê-las novamente, sem prejuízos ou saltos precoces na mesma.

Assim, dei início à primeira regência com perguntas provocativas sobre o assunto de ciências, para levar os alunos a refletirem e problematizar aspectos fundamentais do conteúdo com base em alguns de seus conhecimentos prévios sobre o que se apresentava. E após uma pequena série de perguntas e respostas um aluno questionou, em tom amistoso, se nós não estaríamos em algum tipo de aula de filosofia. Certo é que toda ciência demanda alguma filosofia por trás, e assim, com provocações ao pensar, pude introduzir a turma a expectar sobre as informações dadas no restante da aula.

Deve-se levar em conta, enquanto aplicava regência em uma das turmas de 7º ano, com uma temática de geociências no contexto da deriva continental e tectônica de placas, o valioso recurso didático sugerido por Souza (2020) na forma de uma dinâmica envolvendo um grupo de alunos. Foi possível através disso trazer uma indicação prática dos mecanismos causadores de sismos e outros eventos tectônicos, mas foi especialmente significativo para perceber o apreço dos alunos pelo uso de tal ferramenta.

E quanto ao 6º ano, em uma das tidas “aulas convencionais”, foi com auxílio de Bouissou (2020), que trabalhei conceitos novos de um modo lúdico. E nesta experiência em sala de aula pude captar as afinidades dos alunos e envolvê-los na explicação, trazendo a turma para perto e simultaneamente tomando cautela para conseguir sustentar uma práxis sem percalços por conta de disciplina. Ainda assim, houveram imprevistos que me fizeram ter dificuldades com relação ao tempo para as propostas



planejadas. Mas ainda assim pude avaliar esta regência como sendo rica em elementos promotores da aprendizagem no contexto específico daqueles alunos.

No tocante ao projeto didático, meu planejamento se estruturou com base num modelo de reunião de clube de desbravadores, visando trazer além do conhecimento científico uma base de teoria e recursos holisticamente amplos. Os pilares de atuação do clube de desbravadores se dividem no desenvolvimento físico, mental e espiritual; conhecendo o contexto do estágio, enfatizei os dois primeiros indicando tópicos de astronomia, vida campestre, situações de risco e educação em saúde. Além de apresentar o projeto propriamente dito, procurei iniciar familiarizando e/ou dialogando entre os temas das últimas aulas e regências, sabendo que o projeto foi alocado durante parte de uma semana de revisões.

Porém, é necessário mencionar que entre o planejamento e a prática foi necessário realizar alterações, o que acredito que possam ter influenciado o resultado final do projeto, fazendo-o pender para uma aula diferente, mas com uma abordagem mais expositiva dialogada da teoria - muito embora de aplicações inovadoras para a turma - do que a intenção inicial, que visava apresentar e fazer os alunos interagirem com elementos de vida campestre.

Então, ao executar o projeto busquei adaptar ligeiramente cada abordagem para as diferentes turmas, levando em consideração a diferença de conteúdos e os diferentes ambientes humanos, optando por estratégias que pudessem se adequar conforme a aptidão de cada conjunto de alunos. Embora acreditando que tenha conseguido alcançar o objetivo que almejava com o projeto, pensar nas diferentes recepções ao trabalho (com a generalizada agitação de todas as turmas) me leva à contradição, representada num momento pela grande participação da turma e noutros pela alta dispersão e dificuldade em manter um padrão coeso de apresentação ocasionado pelo barulho de outras. Pondera-se, novamente, acerca do uso do tempo, que em uma circunstância foi insuficiente para contemplar toda a proposta planejada e noutro, ele foi breve demais, sendo necessário demandar um pouco de esforço e criatividade para manter a turma consciente de que se tratava de uma aula de ciências até o fim do horário.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomo este primeiro estágio como um momento de grande valor, especialmente por permitir a capacidade de refletir que ainda tenho muito a aprender, quer seja sobre mim, quer seja sobre a figura do professor, na qual devo me enquadrar durante os momentos de regência, administrando de modo adequado às situações, para que assim possa enfrentar imprevistos e contornar estorvos que a incerteza possa provocar.

Dessa maneira, posso parafrasear Humberto Gessinger e refletir que, enquanto encontro o caminho das pedras, preciso saber lidar com tantas pedras no caminho. E quais seriam essas pedras senão as dificuldades, temores e expectativas dissonantes daquilo que se vive nestas experiências práticas? Assim, com méritos e surpresas, estou convicto de que o primeiro estágio supervisionado foi exitoso e me fará apto para lidar melhor, não só com os demais estágios, mas também com meus próprios desafios



oriundos da subjetividade que me levou a tantas reflexões e inflexões entre os diversos microcosmos que compõem cada etapa da carreira.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, S. de M.; BACCON, A. L. P. O professor como um "lugar": uma metáfora para a compreensão da atividade docente. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 9, p. 112-131, 2007.

DE LIMA, T. P. P.; DOS SANTOS, T. A. da S. A Voz e Vez dos Regentes: Desafios e Possibilidades do Estágio Curricular Obrigatório. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, p. e41359-18, 2023.

LIMA, E. C.; et al. Modelizando saberes sobre o manguezal potiguar - uma experiência no PIBID interdisciplinar. In: VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia, p. 928 - 936. Pará, 2018.

Ministério da Educação. PISA 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil. 3 de dezembro de 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>> . Acesso em: 23 de outubro de 2023.

PEREIRA, I. M. dos S. Relato de experiências do estágio supervisionado na universidade e no campo. Piauí: Revista Educação em Foco, 2018.

SANTOS, B. de F.; MOTA, M. D. A. Relato de experiência: Estágio Supervisionado e a formação do professor de Biologia. Anais do VIII ENEBIO. 2021.

SILVA, B. S. Narrando Minhas Vivências: Relato de experiência no Estágio Supervisionado em Geografia Ensino Fundamental II. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias, p. 1155-1166, 2019.